

SESSÕES DO PLENÁRIO

50ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 25 de setembro de 2015.

PRESIDENTE: DEPUTADO BIRA CORÔA (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Invocando a proteção de Deus declaro aberta a presente sessão especial em homenagem aos 70 anos de iniciação do Pai Air de Oxaguiã e aos 55 anos de fundação do Terreiro Pilão de Prata, requerida pelo deputado Bira Corôa e referendada pela Comissão de Promoção da Igualdade desta Casa.

Nesse ato, convido para compor a Mesa a Srª Secretária da Promoção da Igualdade Racial, Secretária Vera Lúcia Barbosa, neste ato representando o governador Rui Costa; o Sr. Major da Polícia Militar da Bahia, Sr. Paulo Peixoto, neste ato representando o Comandante-Geral, Coronel Anselmo; Sr. Vereador do Município de Salvador, Sílvio Humberto; Sr. Sacerdote do Terreiro Mokambo, Tata Anselmo; Sr. Ogan Antônio Luis, do Terreiro Casa Branca; Sr. Fundador do Terreiro Pilão de Prata e homenageado no dia de hoje, Pai Air de Oxaguiã. (Palmas.)

Convido para acompanhar o Sr. Air de Oxaguiã, a Srª Ialorixá do Terreiro Ilê Axé Omim J'oba, Mãe Helenice Brito. (Palmas.)

(O Sr. Air de Oxaguiã é conduzido ao Plenário pelo Cerimonial da Casa.)

Quebrando um pouco todo o protocolo, como proponente da sessão fazer uso da palavra, vou fazer aqui mesmo da mesa e não utilizando nesse exato momento o rito natural da Casa.

(Lê):- “Sessão especial em homenagem aos 70 anos de iniciação do pai Ari de oxaguiã e aos 55 anos de Fundação do Terreiro Pilão de Prata.”

Posso dizer que é com muita emoção e satisfação que abro esta sessão. Primeiro, pelo que significa em nossas vidas, em especial para a nossa identidade negra, neste Estado, neste país e neste continente. Não podemos deixar de destacar que a contribuição dada pelas religiões de matriz africana. Reporta-nos para que cada dia de nossas vidas possamos reafirmar a nossa identidade. A africanização do Brasil consecutivamente se dá a partir de uma contribuição histórica que a religião de matriz africana vem-nos oferecendo.

É notória a afirmação de que a reorganização familiar se dá a partir do Candomblé, que a reestruturação social, política e econômica do nosso povo não seria

num modelo e na estrutura que aqui está, se não fosse a afirmação e a determinação dada pelo Candomblé. É lógico que ao dizer isso, não estou abrindo mão do padrão cultural e da perpetuação da nossa cultura em toda a sua extensão. Isso se dá graças aos nossos antepassados que cultuando a nossa ancestralidade reafirma a religiosidade, mas, acima de tudo, preserva todos os valores identitários da nossa própria cultura.

Então, queria abrir dizendo que por si só, por esse legado, por toda essa construção, por atravessar séculos e nos permitir que no século XXI, em 2015, podemos nos afirmar como negros e negras, termos o direito de disputar neste espaço da sociedade, espaços outrora nunca preenchidos pela nossa presença não poderia deixar de relevar mais uma vez o papel e a importância do Candomblé para esse feito.

Reporto-me como referência, menino oriundo do subúrbio ferroviário de Salvador, criado em Camaçari, originário de uma família operária, meu pai soldador, minha mãe doméstica. Negro assumido, desde muito tempo, ocupando pela terceira vez neste Poder egresso constituído. É uma referência que só foi e só é possível exatamente pela existência do Candomblé. Não cheguei aqui na condição de candomblecista, mas chego aqui pela referência que a luta e a resistência implementada e pela afirmação da identidade nos permitiu.

É o que por si só já justificaria trazermos para esta Casa num dia tão especial um destaque e uma homenagem a alguém que tem contribuído para este novo momento que vive o Brasil e a Bahia e, conseqüentemente, que vive as nossas comunidades. Importante destacar e dizer que se ora o Candomblé ainda enfrenta um processo de discriminação, um processo de intolerância e de exclusão, fruto de uma construção histórica, de uma concepção cultural de opressão, onde dominantes e dominados conseguem conviver no mesmo processo. Hoje, já temos a comemorar alguns avanços. Nunca me atenho a lamentação, sempre a proposição e a disposição desse espaço. E o Pilão de Prata é um referencial de quem não se curvou apenas às lamentações, mas, sim, à proposição, à resistência e à construção.

Lógico que a contribuição dada que aqui destacaremos no dia de hoje, não apenas por uma personalidade, mas por um legado familiar, pela estrutura construída por toda uma família, pela contribuição dada na manutenção da religião, da afirmação identitária do gueto de mais de trezentas filhas e filhos de santo, de uma referência no nosso Estado para a religiosidade, mas, acima de tudo, de uma prova concreta de alguém que dedicou, posso dizer, 70 anos da sua vida para construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, reafirmando a religiosidade e acima de tudo, incorporando o direito e a necessidade de convivermos em harmonia, de não alimentarmos todos os processos de discriminação, sejam étnicos, raciais, de gênero, de orientação sexual, dentre outros que poderíamos aqui listar, mas sempre na concepção de acolher, de fraternalmente conduzir e de impor regras e disciplinas.

É por essa vertente, e por essa identificação, que hoje me atenho, posso dizer, de uma emoção tamanha que, peço desculpas a minha assessoria porque se dedicou em preparar todo um texto e eu não vou trabalhar num texto, vou apenas dizer que esse dia, para mim, Pai Air, é um dos dias que marcam a minha vida com o

sentimento de reconhecimento, de agradecimento, pela sua existência, pela contribuição que o senhor tem dado, não apenas ao terreiro, mas aos que frequentam e participam do seu terreiro. Não é apenas o reconhecimento ao seu trabalho dedicado aos seus filhos e filhas, mas, sim, a nossa identidade, a nossa existência e a nossa referência.

Por isso eu vou abrir mão de fazer a leitura do texto e dizer obrigado, que os orixás estejam sempre conduzindo os seus dias e que possam alimentar cada vez mais esse momento e a todos os momentos que virão ainda durante todo o processo do Pilão de Prata, toda a existência do Pilão de Prata e, acima de tudo, na sua existência e na sua trajetória de vida e de todos aqueles que conduzirão após o senhor.

Muito obrigado (Palmas.)

Assim abro esta sessão. Não citei de novo toda a Mesa, porque ela já havia sido convidada. Quero apenas dizer que na pessoa da secretária Vera Lúcia, quero saudar toda a Mesa, pedir a benção aos mais velhos, aos mais novos, em especial, dizer a todos aqueles que não são da benção, que a benção não é apenas um vínculo de compromisso religioso, mas, sim, sinal de respeito, de compromisso e de fraternidade e, acima de tudo, de convivência harmônica. Porque posso reafirmar que a minha maior escola de vida vem da minha família, não posso negar isso, minha formação e criação e se dão apenas a minha família; dá-se a toda a minha comunidade. Venho de uma condição em que tomar a benção aos mais velhos era quase que obrigatoriedade, era um sinal de respeito e de valorização. E foi exatamente no convívio cotidiano de garoto, dentro de um terreiro de candomblé, que pude formar a minha concepção de uma sociedade mais justa e convicto de um socialista, porque foi lá que aprendi de fato que se faz a partilha. É lá que a gente aprende a conviver com as diferenças, respeitando as diferenças, não apenas respeitando mas queremos ser aceitos, queremos ser respeitados.

Foi lá que pude presenciar que as pessoas não são rejeitadas por suas opções mesmo religiosas, lá as pessoas não são rejeitadas pela epiderme, lá não são rejeitadas pela sua orientação sexual, lá não são rejeitadas pelo gênero, lá não se chega com fome e se sai com fome, porque a mesa não é posta para os dominantes, a mesa é posta para todos, é nessa concepção de que lá quem chega enfermo não sai enfermo.

Quero dizer obrigado e que esse dia seja mais um dia de conquista para todos nós, em especial, mais um dia de referência nos anais desta Casa como um dia que marca a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia no momento atual de democracia e de transformação.

Por isso, quero também agradecer a todos os pares desta Casa que subscreveram esta sessão e que nos referendou a condição de conduzirmos e dirigirmos esta sessão.(Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Nesse momento passo a palavra ao vereador Sílvio Humberto.

O Sr. SÍLVIO HUMBERTO:- Bom-dia a todos, a bênção! Gostaria, inicialmente, cumprimentar o companheiro, deputado Bira Corôa, por essa iniciativa

como prova inequívoca do seu compromisso e comprometimento com a nossa comunidade negra, com a nossa comunidade religiosa. E estender esse cumprimento à mesa que nesse dia de hoje, como V.Ex^a disse no seu brilhante discurso, ter condições nós mesmos de poder-nos reverenciar. Isso é uma oportunidade que temos a todo momento que celebrar, porque nessa conjuntura em que as nuvens conservadoras, as nuvens da intolerância que estavam no horizonte que até o momento pareciam distantes, estão muito próximas.

É importante que todos nós, juntos, celebremos a todo momento a nós mesmos. Essa homenagem a esta pessoa, permita-me chamar, essa figura, porque tive a oportunidade de conhecê-lo, não o conhecia pessoalmente, mas a visita que fiz ao Terreiro Pilão de Prata, pude, naquele contato, em pouco tempo, entender a grandiosidade do que significam esses 70 anos de iniciação, que eu poderia resumir em uma palavra: generosidade. Generosidade! E isso me encantou bastante, com uma conversa simples, tranquila, bem característica de quem o acompanha, de quem está sob sua cabeça. E isso me deixou extremamente encantado, esse cuidado, isso de atrair as pessoas, de manter as pessoas juntas. Porque é muito fácil falar hoje, mas há 55 anos, no século passado, e até bem pouco tempo – conversava sobre isso, aqui, com Tata Anselmo –, até 1975, a polícia entrava e levava as coisas, o que era sagrado eles transformavam em coisas, não tinha o menor respeito.

Mas, quando pensamos que nos livramos disso, aí você tem uma criança que sofre um atentado. Constantemente nós temos sido vítimas, Gilberto, dessa violência desenfreada. Então, aqui, na medida em que Bira cria as condições para que possamos celebrar 55 anos de resistência do Terreiro Pilão de Prata, e 70 anos, permita-me chamar assim, dessa generosidade do Pai Air, nesse trato... Porque a forma como ele acolhe, como ele oferece resposta, como oferece caminho, e a forma como as pessoas estão aqui, juntas, para celebrar...

Fico extremamente emocionado, gratificado por ter essa oportunidade, agora, enquanto vereador da Cidade de Salvador, de poder cumprir essa missão. Porque eu tenho certeza de que, também, se cheguei aqui não foi só baseado nas coisas que consegui enxergar fisicamente, mas sei que houve um conjunto de forças que não consigo explicar; não é aquilo que se explica objetivamente, você só sente.

E foi esse sentir, vivenciar isso, que me permitiu chegar a esse lugar, estar, neste momento, aqui e poder reverenciar alguém que tem dado uma contribuição extremamente importante em defesa da nossa religiosidade. Aquele que, em suas palavras, diz: minha vida é Orixá.

E quando você começa a entrar, aprender, vivenciar isso, você sabe o quanto isso é grandioso. É importante que estejamos juntos. E é importante, também – assim como foi anteriormente se criar uma série de estratégias para permitir à nossa religião chegar até hoje –, que continuemos fazendo política, precisamos continuar, como base, a nos importar um com o outro. Porque isso é o que faz a diferença. Foi isso o que Bira disse: você chega com fome, mas não sai com fome. Você chega – vou usar essa expressão aqui – desassistido, e encontra assistência; você procura conforto e

encontra. Então, é essa forma, essa visão de mundo que celebra esses 70 anos. É isso, nós estamos celebrando uma coletividade.

Para mim, Pai Air, é uma honra poder, também, não só estar aqui hoje – aproveito e estendo o convite a todos –, porque nós sabemos que as nossas festas não se resumem a um único dia. Na próxima terça-feira vamos ter a oportunidade, também, de a Cidade de Salvador reverenciá-lo. Fico muito feliz por ter sido escolhido para cumprir essa grata e importante missão, de que a Câmara de Salvador, a Cidade de Salvador possa reconhecer essa generosidade.

E, para encerrar, quero dar um testemunho aqui. Hoje, nesta sexta-feira, por desígnio, tive a oportunidade, por seu intermédio, de conversar, de conhecer a figura do ex-vereador de Muritiba Arquimedes. (Palmas.) Vereador, o senhor não sabe o quanto aprendi com suas palavras e seus ensinamentos sobre a política. Aprendi muito em poucas palavras, e vou levar para a frente muitos dos seus ensinamentos.

Pai Air, muito obrigado por esta oportunidade.

Parabéns, Bira. Axé!

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Neste momento, concedo a palavra a Arany Santana. (Palmas.)

Arany estava em nossa relação para compor a Mesa. Mas ela nos avisou que talvez tivesse que se ausentar e não queria compor e sair da Mesa. Contudo, não abrimos mão da contribuição de sua fala.

A Sr^a ARANY SANTANA:- Bom-dia a todos.

A benção aos meus mais velhos, a benção aos mais novos. A benção Pai Air, nossa autoridade maior, ladeado pelo nosso deputado Bira Corôa, deputado sensível à nossa voz, à nossa fala dentro desta Casa. Agradeço-te muito neste momento.

Tanto os visíveis como os invisíveis que aqui presentes estão são gratos neste momento, e muito felizes porque o Estado brasileiro, esta Casa, esta cidade, o governo reconhecem a importância de uma autoridade da religião de matriz africana, do candomblé. Religião essa perseguida ao longo dos séculos. Todos nós aqui nos sentimos agraciados, representados, acarinhados com esse momento de homenagem nobre ao nosso rei, Pai Air; e àquele terreiro que tantas figuras acolheu, aquele terreiro que abraçou tantas pessoas.

E é o mínimo que podemos fazer, estar aqui, hoje, celebrando a sua vida dedicada à religião; a sua vida dedicada aos orixás, aos inquices, aos voduns; à sua vida de zelo, de carinho, de dedicação. É uma vida de amor, de puro amor!

Então, sinto-me agradecida por ter vivido todos esses anos para presenciar... Tenho presenciado inclusive nesta Casa, e na Câmara de Vereadores vamos vivenciar os nossos homenageando os nossos; os nossos abraçando os nossos e reconhecendo a importância desta personalidade na construção da nossa identidade brasileira e baiana.

A benção!

Muito obrigada, Pai Air! (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Srª Lindinalva.

A Srª Lindinalva:- Minha vez agora, deputado Bira Corôa.

A Srª Lindinalva:- Bom-dia a todos e todas.

A benção aos meus mais velhos e aos meus mais novos.

Eu vou ajudar o deputado Bira Corôa, registrando e agradecendo pela presença a todos e todas. Começo agradecendo pela presença aos filhos e filhas de santo do nosso homenageado, hoje, Pai Air, do Terreiro Pilão de Prata; agradeço e registro a presença do Sr. Uelton Souza, do Ilê Axé Oyá, e agradeço pela presença a todos desse terreiro; agradeço pela presença ao vereador Tata Uelson de Jesus, de Inhambupe, do Terreiro dos Filhos de Cabala Guanji; Ramon Henrique, do Ilê Axé Obá Lugã; Babá Nilton de Ossanhê, do Ilê Ewe Lajê; Eliana Santos, do Ilê Axé Omin Jabá Nanã Dui; Babalorixá Anderson Argolo de Oxalá, do Terreiro Obá Talandê; o Sr. Jair de Oliveira, do Terreiro Olú Vanjá; o Sr. Marcelo Santos, gestor de Promoção da Igualdade do Município de Santo Antônio de Jesus; o Sr. Carlos Sales, do Terreiro Ilê Axé Odó Obá Biticô.

Depois continuarei registrando as outras presenças.

O Sr. Presidente (Bira Corôa):- Concedo a palavra, neste momento, ao Tata Anselmo, do Terreiro Mokambo.

O Sr. TATA ANSELMO:- Bom-dia a todos os presentes que vieram prestigiar ao Pai Air – que mais uma vez apronta comigo e me coloca no microfone. É assim que ele demonstra que me ama. (Risos.)

Gente, não tenho muito o que falar. A vida do Pai Air fala por si só. Esta homenagem, para mim, Pai, não é uma homenagem, é um reconhecimento por tudo que o senhor tem feito, inclusive não só para os seus, mas para aqueles que têm a graça dos inquicis, orixás e voduns de estar perto do senhor, e ter no senhor um exemplo: uma pessoa que mantém uma casa aberta há 55 anos. Quem é zeladora e zelador de santo aqui presente, e que é escolhido para ser, sabem. Porque existem os que são porque querem ser; e os que são escolhidos para ser. Então, as pessoas sabem o que é conviver. Porque, o pai de santo não é só pai de santo, ele é pai de santo, psicólogo, médico, enfermeiro, assistente social; é de tudo um pouco. Então, é nessa coisa do acolhimento que faz a diferença.

Você vê uma pessoa com 70 anos de iniciado, com essa disposição, com essa majestade! Quando digo majestade é porque o candomblé tem o dom de fazer com que as pessoas sejam humildes sem se humilhar; faz com que as pessoas aprendam a ter autoridade sem precisar se fazerem autoritários. Esses exemplos que estou citando eu vejo em Pai Air. Não convivo tanto quanto gostaria de conviver, mas as poucas trocas que temos são de crescimento e generosidade.

Sílvio, você falou uma coisa muito interessante, que eu vivo falando. O candomblé é muito mais sensível do que científico. Você, às vezes, está fazendo coisas que não sabe por que está fazendo. Mas lá em cima eles estão precisando de você. Então, meu amigo, quando sentimos isso e não questionamos estamos prontos para atender a essas divindades todas. Entra gente, sai gente, e continuamos aqui.

Gostaria de desejar ao senhor, Pai Air, muita saúde. Acho que sem ela não vamos muito longe. Aliás, disseram que o senhor hoje está um gato idoso, gatoso. Este foi o elogio de todos. (Palmas.)

Então, que Oxaguiã continue mantendo o senhor como é, porque se melhorar estraga. Que as águas de Dandalunda sempre estejam no seu caminho.

De onde Caetana estiver, deve olhar para baixo e dizer: “Meu menino foi longe.”

Espero, de coração, que do seu coração emane energia para todos nós, para que possamos um dia, quem sabe, virar um Air José.

Então, Delê! Que os orixás, os inquicis, os voduns, os ancestrais estejam presentes em seu caminho, fazendo que venham mais 70 e mais 70.

Muito obrigado, pelo privilégio de estar aqui com o senhor. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Fazendo diferente, também puxando alguém que é importante para dar uma contribuição, quero aproveitar para fazer uma breve saudação ao Ogan Gilberto Leal, do Terreiro Bogum, também representante da Coner.

(O Sr. Gilberto Leal faz uma saudação em Fon.)

O Sr. GILBERTO LEAL:- “Ondim nami! Mavu efá vodum ê.”

Digo essas palavras iniciais em Fon para prestar minha homenagem do Terreiro Zoogodô Bogum Malê Rundó, terreiro secular, predestinados que somos a viver sobre a força energética da serpente telúrica de Dan. Neste momento especial, não poderíamos deixar de prestar essa homenagem, extensiva a essa iniciativa do deputado Bira Corôa, que tem brindado esta Casa Legislativa com momentos especiais.

Pai Ari, esta Casa de oxaguiã é uma Casa que traz consigo uma história referenciada das mais significativas para a construção da cosmovisão da ancestralidade ritual afro-brasileira. Essa ancestralidade do Bamboxê Obticô, que é a sua linha ancestral, neste momento em que esta Casa celebra seus 55 anos e 70 anos de iniciação, são momentos em que a vida proporcionou aos seus filhos e ao conjunto dos iniciados e iniciadas no processo dessa religiosidade.

Além do Bogum, sou membro do Cenerab, membro da resistência e africanidade afro-brasileira, que trabalha as questões de natureza social das religiões de matriz africana. Recentemente, estamos vindo do Piauí, de um encontro nacional que fizemos, como disse aqui Sílvio Humberto. Neste momento em que o mundo

passa por fundamentalismos religiosos, não poderíamos deixar de lançar o nosso veemente protesto contra a intolerância religiosa; contra os fatos que vêm ocorrendo em nossa comunidade, como o caso do apedrejamento da garota Kailane, no Rio de Janeiro. Sabendo disso, a nossa missão além de cuidar da saúde espiritual, cuidar também das nossas vidas, das nossas relações sociais.

Pai Ari, deixo aqui do Bogum a nossa mensagem de vida-longa, de agradecimento a sua contribuição. Eu que venho dessa linha religiosa, da família de Ludovina Pessoa, Mãe Runhó, Mãe Nicinha, Valentina, Romana, essa é a minha família. E sendo a minha família, em nome dela, vos agradeço pelo que representa dessa linha ancestral que marcou os momentos fundantes das religiões de matriz africana, especificamente do Candomblé.

Em nome dessa homenagem a sua pessoa, extensiva a sua ancestralidade, desse grande Bamboxê que marcou a história do Candomblé da Bahia.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Sr^a Lindinalva.

A Sr^a Lindinalva:- Antes de registrar algumas presenças, gostaria de socializar com vocês uma carta que recebemos do babalorixá, Júlio Braga.

Ele começa dizendo assim: (Lê):- *“Rogo dos seus bons ofícios para comunicar ao Ilustre Deputado Estadual Bira Corôa da honra em ser convidado para auspicioso acontecimento no mundo religioso Afro-Brasileiro, qual seja o de festejar datas importantíssimas na vida do Pilão de Prata e de seu Babalorixá Pai Air José, um dos mais prestigiados e honrados sacerdotes no mundo religioso afro-brasileiro. Sobre a família Bangboxê escrevi alguns textos, na maioria, publicados, onde discorri sobre esta família como baluarte da transposição de contingentes litúrgicos iorubanos da África para o Brasil e sobre o denodo desta família na preservação da cultura religiosa do Candomblé. Como se não bastasse, Pai Air José dedica toda a sua vida aos orixás e prima pela maneira gentilíssima e amável quando recebe visitas em sua residência ou durante as cerimônias públicas religiosas que ali ocorrem, zeladas pela sua contundente observação aos preceitos transmitidos pelos seus ilustres ancestrais. Prezada Senhora Ana Cláudia Mercês queira, por gentileza, transmitir ao Deputado Bira Corôa, a minha admiração pessoal pelo trabalho prolongado que vem realizando no sentido do reconhecimento da importância do mundo religioso afro-brasileiro como pedra fundamental da nossa cultura e civilização brasileiras de que tanto nos orgulhamos. Com o mesmo respeito, que comunique ao homenageado Pai Air José, meu confrade, amigo e irmão que, por razões rituais internas, no nosso humilde Axeloιά, que tanto tem sido honrado com sua presença, me vejo impossibilitado de estar fisicamente nessa prestigiada efeméride. Espiritualmente estarei sim presente, com as graças dos orixás. Ibukun Babà mi.*

Sinceramente, babalorixá Julio Braga”. (Palmas.)

Gostaria de registrar mais algumas presenças: Sr^a Ana Mandarinino e Sr. Estenio, representante do Terreiro Yá Nitinha, do Rio de Janeiro; Ialorixá Jacira Miranda, do Ilê Axé Ibá Lugan; Ogam Valmir Mattos, do Terreiro Casa Branca - agradeço pela presença de todos do terreiro; Ebomi Marlene Coelho, do Terreiro Ilê Axé Odo Obá Biticô; Ekede Maria Conceição, do Ilê Axé Babá Okê Odô, de Bom Jesus dos Pobres.

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Mais uma vez quebrarei a sequência, agora para registrar que a deputada Fabíola Mansur, hoje em atividade no município de Gandu, manda comunicado justificando a sua ausência neste ato, mas reafirmando seu compromisso com a nossa luta, e mandando um forte abraço ao nosso grande homenageado, Pai Air.

Quero também fazer um registro que considero muito importante. Há aproximadamente 4 ou 5 anos, estive na cidade de Santo Antônio de Jesus, no Poder Legislativo constituído daquele município, para uma ação de protesto contra o presidente daquele egrégia Casa que, em um ato de intolerância religiosa e de forma muito agressiva com representantes de religião de matriz africana, expulsou pais e mães de santos que estavam presentes numa sessão naquela Casa.

Hoje me sinto muito feliz pois está aqui o atual presidente daquela Casa, neste ato de hoje, o vereador Luiz do Alto, como um símbolo de transformação – o poder era constituído, naquele momento, por um outro presidente que não era Luiz, vamos dizer isso –, reafirma que o Poder Legislativo do município de Santo Antônio de Jesus, sem dúvida nenhuma, hoje, tem um novo perfil, um novo compromisso. Por isso, Luiz, fiz esse destaque separadamente por ser tão simbólica e tão importante a sua presença, hoje, aqui. Isso é muito marcante para a gente.

Quero, neste momento, conceder a palavra ao Ogan Antônio Luís do Terreiro Casa Branca.

O Sr. OGAN ANTÔNIO LUIS:- Eu fui pego de surpresa em ter sido convidado para a Mesa e em ter de falar. Eu vou lembrar, inicialmente, três grandes mulheres: Iadetá, Iacalá e Ianassô. Eu acho que essas três rainhas, essas três mulheres, essas três líderes não poderiam imaginar o que elas estavam começando, ao juntar todo o povo negro e todas as nações. Elas não poderiam imaginar que um dia estaríamos na Assembleia Legislativa do Estado da Bahia as representando! (Palmas.)

O tempo cronológico do branco, não é o tempo cronológico do axé, não é o tempo cronológico do coração do orixá. Portanto, Pai Air, neste momento, Iadetá, Iacalá, Ianassô e o seu bisavô estão presentes, aqui, com certeza, junto com Mãe Caetana para dizer quanto orgulho nós temos do senhor, para dizer quanto orgulho de ser seu filho também e de ver o meu pai, hoje, sendo homenageado por uma questão de honra, de resgate e de direito que o negro tem.

Muitas vezes, nunca tivemos acesso a esta Casa. Eu tive acesso a esta Casa, quando esse mural foi feito. Eu vim, na condição de branco, para ver o mural de Carlos Bastos, porque no meio havia uma negra. No meio das três oxuns que estão aqui há uma negra, a primeira modelo negra do mundo, a Condessa de Noailles. Ela

saiu da Bahia como a negra da Liberdade – proibida de entrar pela porta principal do Yacht Clube da Bahia para desfilar, pois mandaram ela entrar pela porta dos fundos –, foi para Paris, conquistou o mundo, conquistou o coração de um conde e voltou para a Bahia como todos os maiores negros vieram: como reis, rainhas e condes. (Palmas.)

Carlos Bastos teve a dignidade de colocar no painel da Assembleia Legislativa a negra que conquistou o mundo com sua beleza física, mas que nunca deixou de se respeitar como negra. Todos os grandes da sociedade baiana na França iam comer a feijoada da Condessa de Noailles.

Cito isso apenas para dizer que temos um negro que, neste momento, está sentado aqui, sendo respeitado pelo governo da Bahia, coisa que nunca se fez. No passado, o governo da Bahia usava os negros para servi-lo, e, hoje, ele tem de nos respeitar. Homenageando o senhor, nós estamos fazendo justiça ao respeito que nós temos. (Palmas.)

O mínimo que posso fazer agora é dizer: me pai aê, babá mê. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao Major Paulo Peixoto.

O Sr. MAJOR PAULO PEIXOTO:- Bom-dia a todos e todas. Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa e de parabenizá-lo por essa brilhante iniciativa. Quero dizer que trago um abraço, uma saudação do comandante-geral da Polícia Militar, o coronel Anselmo, bem como de todos os policiais de candomblé e de umbanda que nós conseguimos congregar com a criação do Núcleo de Religiões de Matriz Africana. Eu muito me orgulho de ter tido a inspiração, através dos orixás, para ajudar a criar o referido núcleo.

Neste momento, gostaria de tirar “a minha farda de major” e colocar-me como ogã da Casa Branca. Ao mesmo tempo, gostaria de dizer a Pai Air José que dos muitos diálogos que tivemos com os policiais militares sobre o candomblé, muitos nos perguntam: “O que é o candomblé?”

Eu, sempre, digo a eles que o candomblé nada mais é do que a prática inconteste de ações como caridade, desprendimento, trabalho para outro, perder uma noite, perder um dia, se desvelar e se entregar à caridade e ao bem do outro.

Quando uma casa de candomblé faz 50 anos de existência e uma pessoa completa 70 anos de iniciação, isso significa que são 50 anos de caridade e 70 anos de caridade.

Então nada mais justo que nós, ogãs da Casa Branca, nos sintamos órfãos, há pouco tempo, com a passagem de alguém que nos abrigava. Por outro lado, nós nos sentimos, também, acolhidos, carinhosamente, pelo senhor, uma vez que nós ficamos órfãos desta figura ímpar, amiga, mãe, irmã, porque ela foi uma pessoa com quem tive o privilégio de conviver durante 20 anos.

Neste momento, eu, meio policial e meio ogã, desejo que Oxaguiã continue iluminando o caminho do senhor e fazendo com que continue sendo esta pessoa ética,

discreta, séria e, principalmente, carinhosa com todos nós pois ficamos órfãos de uma pessoa maravilhosa que, há pouco mais de 3 meses, nos deixou.

E gostaria de dizer mais, porque eu, pessoalmente, tenho uma gratidão imensa pelo senhor por algumas coisas que já conversamos e pela orientação que o senhor me deu, em alguns momentos, neste tempo de convivência.

Agradeço esta oportunidade que Oxaguiã me deu para expressar esta gratidão para todos que perderam a yalorixá Ajikutu há pouco tempo.

É uma felicidade muito grande estar aqui.

Um bom-dia para todos.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao vereador de Inhambupe, Pai Uelson, para uma breve saudação.

O Sr. PAI UELSON:- Bom-dia a todos e a todas!

Motumbá, aos mais velhos; aos mais novos, ataei!

Neste momento solene, muito humildemente, motumbá, meu pai!

Gostaria de agradecer ao nobre parlamentar Bira Corôa por este momento único, ímpar, de persistência e de resistência em que vivemos e vivenciamos na Bahia. Que Deus continue abençoando-o e guiando-o em sua trilha neste momento em que passamos por várias dificuldades neste País, nesta Casa e nas Câmaras Municipais do nosso Estado.

A perseguição e a resistência à nossa religião são, ainda, fortes e inúmeras. Desejo que o Estado baiano possa continuar a velar e a preservar a nossa verdadeira idoneidade e a razão de existência do nosso culto.

Desejo a todos os meus irmãos e às minhas irmãs muito gunzo, na minha língua, ou muito axé, na língua dos demais. Aos nossos ancestrais, peço força e resignação para que possamos conclamar a misericórdia aos nossos zunzos e aos nossos ylês.

Este grande homem de Oxaguiã está aqui para defender o nosso povo.

Muito gunzo para todos e todas.

Bom-dia a todos! (Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra, para uma breve saudação, ao Sr. Marcelo Santos, representante do Departamento de Promoção da Igualdade de Santo Antônio de Jesus. (Palmas.)

O Sr. MARCELO SANTOS:- Agô Mandajira Bantu.

Gostaria de, inicialmente, pedir a bênção: motumbá, kolofé, mucuiiu.

Estou à frente do Departamento de Promoção da Igualdade Étnico Racial do município de Santo Antônio de Jesus. Sou iniciado e confirmado para Tata Muchique em Dange Tumba Jussara, da qual eu gostaria de tomar bênção na assistência minguengua morrangui, que é da família de santo.

Inicialmente, pai, gostaria de parabenizá-lo pela sua militância, pela sua trajetória, pela sua referência e, sem sombra de dúvida, ao lado de outros baluartes e de outros ícones de nossa religiosidade de matriz africana, pois o senhor serve de espelho e de inspiração, sobretudo na luta por uma liberdade religiosa e por uma sociedade mais justa e igualitária.

Gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Bira Corôa, proponente desta sessão especial. Afirmo ser ele um amigo, parceiro e companheiro de longas lutas. Só a título de esclarecimento, quando Bira se referiu ao episódio em Santo Antônio de Jesus, à época, Bira, quem teve a infelicidade de estar naquele acontecimento foi a gente na Fundação.

E, hoje, realmente, é mais um avanço ver a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, a nossa câmara alta estadual, mais uma vez, homenagear um religioso de matriz africana ao abrir um espaço a uma pessoa tão importante, não só para sua família, mas para todos nós que é o Pai Air José.

Em nome dele, eu parabenizo a todo seu Ilê e toda sua família.

Axé! (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Em igual condição, convido, para uma breve saudação, Pai Anderson. (Palmas.)

O Sr. PAI ANDERSON:- Agô mojubá aos meus ancestrais e às forças presentes que, aqui, se fazem através da minha saudação a esta grande figura ilustre, meu grande exemplo, uma grande referência de homem do axé que é o Pai Air José.

Agô, também, mojubá, oxalufã, a toda Corte Funfum que se faz presente na representatividade dessa coroa, mas não uma coroa de realeza humana e, sim, uma coroa de realeza ancestral.

Tenho plena certeza de que este não é um dia comum e não é um dia que começa hoje. Ele começa em toda a nossa ancestralidade.

E por falar em ancestralidade, gostaria de pedir agô e dizer à família Bambuxê que tantas pedras fundamentais espalhou entre tantos homens e mulheres ilustres que fizeram desta raiz a representatividade de dignidade do axé neste País.

O Pai Air José faz desta presença e desta homenagem a representatividade de todos nós.

Não é uma homenagem estendida a Air José, ao homem, à celebridade, à dignidade. Nós inclinamos o poder diante do povo negro, quando nós entramos nesta Casa, com esta dignidade, para dizer que a realeza do povo negro se faz presente em nossa luta e na sua pessoa.

Lá dentro, eu dizia pequenas palavras, porque sou um menino que acompanha alguns passos. De onde estiver o meu ancestral direto Edinho de Oxossi, do Ilê Axé Alá Baxé, ele estará, também, honrado com a sua ancestralidade, junto com Iá Caetana e com todos os grandes homens e com todas as grandes mulheres que sonharam um dia que a gente pudesse ter a dignidade de entrar, porque nós temos o direito de ser povo negro, povo de santo e ocupar os espaços.

Eu não acredito que a gente tenha que pedir agô para entrar em nenhum espaço, porque este é nosso por direito. Acredito que se faz legítimo, através deste grande obá, deste grande rei, este grande homem, o nosso poder que tem de ser reconhecido diante do Estado e do mundo.

A religião de matriz africana é muito mais que uma religião e é um espaço de empoderamento do nosso povo.

A gente se sente digno e justo com a sua homenagem.

O senhor é homenageado e, por isso, eu me sinto honrado. Se um dia eu conseguir ser metade do que o senhor foi e é, eu estarei feliz. (Muitas palmas.)

Tenho certeza que Oxalufã, o grande rei supremo, orixá supremo, entregou a Oguiã o pilão e ele não vacilou com o senhor. Tenho certeza de que, se metade for da dignidade do homem que o senhor é, que Edinho de Oxossi de onde estiver, eu estarei abençoado.

Peço a Agô desculpas pela inflamada emoção, mas não posso deixar de ser o seu pupilo, o seu menino. Irei além, sou menino de Edinho de Oxossi- e me legítimo nos meus velhos: Iá Marlene, a Edinho Oxossi e a todas as grandes mulheres e homens que tornaram possível o meu caminho de chegada.

A sua benção, um agô a nossa ancestralidade e obrigado por existir.

Muito obrigado. (Palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Com a palavra Sr^a Lindinalva.

A Sr^a Lindinalva:- Continuando o registro dos presentes. Agradeço a Sr^a Rose Mafalda, presidente do Bloco Ginga do Negro e membro do Conselho da Comunidade Negra; ao Sr. Vereador Luís do Alto, presidente da Câmara de Vereadores de Santo Antônio de Jesus; a Sr^a Maíra Azevedo do Terreiro Oxumaré; ao Tata Gongá, Adailton Carvalho do Unzo Kuna Nilici Tombeci Muzuzu; ao Sr. Cel Gomes, representante do chefe da Casa Militar do governo e Ogã do Opo Afonjá; a Sr^a Cristiane Taquari, do Terreiro Tubensi; a Sr^a Zeliane Santos de Jesus, Secretária de Cultura do Município de Santo Antônio de Jesus; a Ialorixá Itana de Carvalho; a Sr^a Abigail e ao Movimento Tenho Fé Sou do Candomblé de Santo Antônio de Jesus. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito também para registrar a presença de França, representante do Sindicato dos Ferroviários da Bahia. (Palmas.)

Com a palavra a Mãe Helenice Brito do Terreiro Ilê Axé Omin J'Oba.

A Sr^a HELENICE BRITO:- Bom-dia a todos e todas, bênção aos mais velhos e aos mais novos também, bênção meu Pai Air e a toda Mesa presente, saúdo o nosso deputado Bira Coroa, a quem agradeço por mais esta iniciativa de levar a nossa cultura ao mais alto nível que ela merece. Embora ainda existam ainda muito mais coisas para acontecer.

Neste dia sinto-me bastante honrada em estar aqui representando a mulher negra, não como ialorixá, mas como filha adotiva de Pai Air. Sou filha de Mãe Hilda de Jitolu de e Pai Air, que me adotou. Agradeço muito a Oxaguiã, a minha mãe Oxum pelo carinho especial que tem por mim e agora pelo meu filho, por toda nossa família e por nossa comunidade do Axé.

Pai Air, neste momento quero desejar ao senhor muitas felicidades, muita saúde, muita paz, que o senhor continue sendo essa pessoa maravilhosa, acolhedora. Que Deus e Olorum lhe deem muito axé.

Bênção meus irmãos. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero aproveitar para convidar Capitão Tiago, representante da Casa Civil para, conjuntamente, fazermos a entrega desta homenagem. (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Aproveito e convido pai Air de Oxaguiã para, de pé, receber esta humilde homenagem desta Casa em reconhecimento a todo o trabalho desenvolvido na sua história de vida.

(Entrega da homenagem.) (Palmas.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Concedo a palavra ao homenageado de hoje Pai Air de Oxaguiã.

O Sr. PAI AIR DE OXAGUIÃ:- Bom-dia a todos e a todas, motumbá aos meus mais velhos, motumbá axé para todos os meus aburus. Em nome de Oxaguiã, em nome de Oxum, em nome do Oxabobô, Oborum Malé, Ibamalé, agradeço, primeiro, ao deputado Bira Corôa e a toda comunidade que está aí, Omo Amin, Omolá Axé e todos que estão aí, todos que estão dentro de casa são meus filhos, porque sou filho de Oxaguiã, quer dizer, sou o pai de todos, seja de onde vier, seja de que casa for.

Só tenho que agradecer, pedindo a Oxalá, pedindo a Oxum, pedindo a Xangô, Boborum Leba Malé, que dê uma boa sorte a todos. Eiji Axé Borá, que é o dono do nosso axé que dê alegria, saúde e paz. Oxum Pandá, que é o Oxum da minha mãe, que me fez este homem que sou hoje, agradeço a uma tia que me criou, que me deu banho de ouro, me deu banho de felicidade, iluminou a minha vida, que Oxum esteja presente.

Esta homenagem não é somente para mim, é para mim e para a minha irmã que está falecida faz três anos, mas entramos no axé juntos, não podemos esquecer. É mãe Dedê, a ialorixá do Ajo Amin (palmas.) A matéria descansou, mas o orixá está vivo,

Xangô continua aqui do meu lado. Oxalá que dê uma boa sorte a todos os meus filhos, que dê paz, saúde e amor. Oborum Malé, Ibamalé, que assumam todo o axé, queiram-me bem. Estou abraçado a vocês todos, não posso abraçar um por um, mas sintam-se abraçados e homenageados pelo pai, adupé a todos que estão presentes, adupé, ao Dr. Bira Corôa, está bom, meu amigo? (Palmas.)

(Saudação do Pai Air Oxaguiã.)

O Sr. PAI AIR DE OXAGUIÃ:- Sozinho eu não sou ninguém se não tiver a comunidade junto. A união faz a força! O que me bota pra frente é o mundo, são vocês todos que estão presentes!

Adupé a todos os que estão aí! (Palmas, muitas palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Antes de conceder a palavra à nossa secretária que neste ato representa também o governo do Estado da Bahia, quero dar um informe: a próxima sessão especial promovida por essa Comissão e também pelo nosso mandato é a comemoração dos 10 anos do Nafro PM, que para nós também é um marco importante.

O evento também será realizado nesta Casa. Estamos com dificuldade de confirmar apenas o dia. Mas está previsto agora para novembro, e só não vou citar a data porque houve aqui uma confusão quanto a ela. Porém em dois meses realmente realizaremos aqui mais esta sessão especial, que para nós é igualmente de grande relevância.

Quero agora conceder a palavra à Sr^a Vera Lúcia Barbosa, Secretária de Promoção da Igualdade Racial, que nesta sessão representa o governador Rui Costa. (Palmas!)

A Sr^a VERA LÚCIA BARBOSA:- Bom-dia a todos e todas. A bênção aos mais velhos, aos mais novos e às mais novas. Estou aprendendo isso por estes dias.

Gostaria de saudar a Mesa, a Sr^a Yalorixá do Terreiro Ilê Axé Omim J'Oba, Mãe Helenice; nosso Major Peixoto, que coordena o Nafro, na Polícia Militar, com uma intensidade tamanha, debatendo as nossas causas raciais; nosso vereador Sílvio Humberto, com quem tenho a honra ultimamente de participar de diversas atividades; Sr. Sacerdote do Terreiro Mucambo, Tata Anselmo, é um prazer imenso; Sr. Ogã do Terreiro da Casa Branca, Antônio Luís; Sr. Proponente desta sessão, nosso grande companheiro e defensor das causas raciais, não só defensor, mas conhecedor das nossas causas, nosso deputado, único deputado negro, nosso, que nos representa nesta Casa, Bira Corôa (palmas.), que tem feito um mandato excelente, representando o povo negro, representando de fato a nossa causa aqui, fazendo valer este espaço, o espaço da política eleitoral do nosso país; e o nosso homenageado, Pai Ari Oxaguiã.

Eu falava há pouco com o vereador Sílvio Humberto que, às vezes, o rito processual quebra as energias positivas, porque, em um outro espaço, nós deveríamos ter encerrado a sessão com a homenagem ao nosso grande rei aqui, como foi dito aqui

em diversas palavras, porque a energia foi muito positiva e circulou neste local. (Palmas.)

Já estive, Pai Ari, em diversas atividades do candomblé, inclusive nesta Casa, embora eu não faça parte do povo de santo, mas respeito e gosto de estar junto e tenho muitas amigas e amigos, como a Irmã Jacira, Pai Anderson, que fazem parte dos terreiros. Estive em diversas cerimônias, recentemente fizemos uma homenagem aqui á Mãe Stella, em que eu representava o governador, mas confesso a V. Sa, que em nenhuma dessa que vivi até hoje tive a emoção tão... (Chora.)... bonita como foi aqui. A minha garganta travou no momento que cantaram para V.S^a, e acho que isso é energia boa que nos contagia. (Palmas.) Portanto, faço minhas a fala do governador, a fala da companheira Arani Santana, que falou representando nosso centro no Pelourinho e a fala do nosso vereador Sílvio Humberto.

Sinto-me contemplada, e acho que o governador também se sentiria. Portanto só me resta aqui fazer reverência a sua pessoa. (Chora.) Espaços como este, deputado Bira, o nosso vereador Sílvio Humberto disse que são importantes para homenagear e reconhecer a força e essa construção de valores que os terreiros fazem. Pessoas como o Pai Ari faz. Mas eu acrescentaria para além disso, acho que homenagear, reconhecer e sobretudo registrar para que fique escrito no livro dos brancos e destas Casa que constituem o poder e a história do nosso Estado e nosso País, mas registrar sobretudo atos como este, deputado Bira, são importantíssimos.

Para que outros que vierem saibam o papel que os terreiros fazem, o papel que as religiões de matriz africana incidem, fazem e constituem a nossa história, para que ninguém esqueça e não duvide nunca a partir de nós. Acho que atos como este ajudam não só no reconhecimento e nas homenagens aos terreiros mas também para estarem escritos nos livros a fim de que ninguém esqueça do papel que o povo de matriz africana constitui e exerce em nosso País. E só temos o que temos de conquistas, até hoje, do povo negro, por conta de papéis, atividades e pessoas como Pai Air.

Então, parabéns. E, em nome do governador, aqui bato continência a sua pessoa e a todas as autoridades religiosas e políticas que estão aqui.

Muito obrigada. (Palmas.)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Bira Corôa):- Quero agradecer a presença de todos e de todas nas pessoas do Tata Anselmo, do vereador Sílvio Humberto, do major Paulo Peixoto, de Mãe Elenice de Brito, da secretária Vera Lúcia Barbosa. E dizer, secretária, que a emoção marcou toda esta sessão; não poderia ser mais honrosa e mais presente do que o seu discurso no final deste processo.

Vou retomar, quando a senhora disse que podíamos encerrar com a oferenda e com os cânticos aos orixás aqui apresentados na moção de Pai Air, mas dizer que isso vai também está presente no final. Ela não poderia deixar de ter esse teor de naturalidade, de emoção, porque essa, sim, é a força da razão. (Palmas.)

Em nome também de Antônio Luiz, Casa Branca, quero agradecer, especialmente, a nossa assessoria, porque sem a cumplicidade desses companheiros e companheiras nós não teríamos mais um grande ato realizado nesta Casa, não tenhamos dúvida disso. Agradecer também a todos os servidores e servidoras que também contribuem ativamente para essas realizações; agradecer a cobertura dada pelo Canal Assembleia. Deixei para falar no final que toda a sessão foi transmitida ao vivo, nós não temos corte, neste exato momento a Bahia está vivenciando este ato que estamos aqui realizando. Isso para nós é importante, é mais uma conquista também.

E agradeço, inclusive, ao deputado e presidente desta Casa, Marcelo Nilo, e na pessoa dele a todos os deputados, porque é bom reconhecer que foi a partir da sua gestão à frente desta Casa que a gente pôde conquistar espaços antes não vivenciados aqui. É importante que possamos fazer o registro do processo e dos avanços da democracia instalados neste Poder. É fundamental podermos falar.

Dessa forma, em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos e todas e damos por encerrado este ato. Mas não poderia ser diferente, no encerramento, a nossa saída, especialmente a saída do Pai Air de Oxaguiã com a contribuição dada pelos nossos alabês aqui presentes. (Palmas.)

(Os presentes entoam cânticos.)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.